

Tradução Completa do Relatório - The Dinah Project

PARTE 1

Uma Busca por Justiça — 7 de Outubro e Além

Ruth Halperin-Kaddari • Nava Ben-Or • Sharon Zagagi-Pinhas

Lembrando as atrocidades de 7 de outubro de 2023.

Responsabilizando os autores.

Reconhecimento e justiça para vítimas de violência sexual em conflitos.

O Grito

Sivan Har-Shefi

Qualquer pessoa que deseje lidar com um grito —
deve ter ouvidos
deve ter um coração
com paredes
flexíveis.

Qualquer pessoa que deseje lidar com um grito
deve ter um grito
do passado, ou no presente, ou
a sensação de um grito iminente
brotando de dentro, ou
um parente distante que,
desde que a memória alcança, gritou
mas ninguém jamais se preocupou em perguntar
por ela, e isso por si só, isso é
a distância, a apatia ou o medo,
o desejo silenciado —
um clamor.

Qualquer um que queira escrever sobre o grito
qualquer um que queira escrever o grito
precisa saber como ficar em silêncio por muito tempo
conter-se, inclusive com as mãos
e afinar as divisórias
esticar cordas tensas sobre a câmara de eco
carregá-las, as cordas

não para tocá-las, mas para arrancá-las.

Este livro é dedicado às vítimas de violência sexual em 7 de outubro — e a todas aquelas, em qualquer lugar, que sofreram tais crimes.

Trecho de: “O Grito”.

Do livro De Longe, de Sivan Har-Shefi

(Editora Hakibbutz Hameuchad, 2023, p. 20).

Tradução: Laura Wiseman.

PARTE 2 — Créditos e Dedicatória

Autores:

- Prof. Ruth Halperin-Kaddari — Membro Fundadora e Diretora Acadêmica Fundadora do Centro Rackman, Universidade Bar-Ilan
- Juíza (aposentada) Nava Ben-Or — Membro Fundadora
- Coronel da reserva e advogada Sharon Zagagi-Pinhas — Membro Fundadora e Diretora do Projeto Dinah

Editora Visual: Nurit Jacobs-Yinon

Edição linguística do relatório e do Projeto Dinah: Eetta Prince-Gibson

Revisão de idioma: Talia Trainin

Tradução para o hebraico: Idan Barir

Serviços de tradução e soluções digitais: Glocal – Traduções e Soluções Linguísticas

Design gráfico: Studio GLD

Produção gráfica: Jerusalem Fine Art Prints Ltd.

Outros membros do Projeto Dinah:

- Eetta Prince-Gibson
- Nurit Jacobs-Yinon
- Aharon (Ronny) Leshno-Yaar, Israel
- Amit Soussana, Israel
- Beate Rudolf, Alemanha
- Carol Gilligan, EUA
- Dahlia Lithwick, Canadá
- Deborah Lyons, Canadá
- Dorit Beinisch, Israel
- Gadeer Kamal-Mreeh, Israel
- Gal Gadot, EUA / Israel
- Majed El Shafie, Canadá
- Noa Tishby, EUA / Israel
- Raheel Raza, Canadá

Imagem da capa:

Zoya Cherkassky, “O Ataque Terrorista no Festival de Música Nova, 2023”

Mídia mista sobre papel. Cortesia da artista e da Galeria Fort Gansevoort, Nova York.

Imagens incluídas no livro:

Retiradas do filme “Gritos Antes do Silêncio”, com Sheryl Sandberg.

Produzido por Kastina Communications.

Produtores executivos: Carol e Joey Low, Meny Aviram e Eytan Schwartz.

Publicado por:

O Centro Rackman para o Avanço das Mulheres, Universidade Bar-Ilan
Jerusalém, junho de 2025

Copyright © Projeto Dinah

Todos os direitos reservados

PARTE 3 — Introdução

O Projeto Dinah foi fundado com o objetivo de alcançar reconhecimento e justiça para as vítimas e sobreviventes do monstruoso ataque terrorista do Hamas e de outros grupos aliados contra o Estado de Israel, ocorrido em 7 de outubro de 2023. Esse ataque incluiu atos sistemáticos e generalizados de violência sexual relacionada a conflitos (CRSV), com a intenção de desumanizar os israelenses e a sociedade israelense como um todo.

Nosso trabalho parte de uma premissa clara:
a justiça pode e deve ser alcançada.

Por meio de processos penais, ações civis, mecanismos internacionais e regionais de responsabilização, e também através de iniciativas institucionais e culturais.

Antes considerada uma consequência inevitável das guerras, a violência sexual relacionada a conflitos é hoje reconhecida como uma arma de guerra — intencional, estratégica e devastadora.

Ela não se limita ao sofrimento individual das vítimas diretas.

Ela é usada para degradar a dignidade humana, espalhar o medo, atacar os alicerces de comunidades inteiras e destruir o tecido social.

Ao atacar a sexualidade — um dos elementos mais centrais da identidade humana e da continuidade da vida — a violência sexual transmite uma mensagem de destruição existencial e total.

O Projeto Dinah busca, por meio deste relatório, responder à negação, à minimização e ao silêncio em torno das atrocidades cometidas em 7 de outubro. Também busca propor modelos jurídicos e probatórios adequados à realidade da CRSV, reconhecendo as limitações de paradigmas tradicionais centrados exclusivamente no testemunho direto das vítimas.

Este relatório é uma etapa essencial no caminho rumo à verdade, ao reconhecimento e à responsabilização.

PARTE 4 — Sumário Executivo

O Projeto Dinah foi criado para garantir reconhecimento e justiça às vítimas e sobreviventes da violência sexual relacionada a conflitos (CRSV) durante o ataque do Hamas em 7 de outubro de 2023, e no período posterior, durante o cativeiro dos reféns.

Este relatório é a avaliação mais completa até o momento da violência sexual cometida durante e após o ataque. Ele não apenas documenta os fatos, mas também propõe estruturas jurídicas e probatórias inovadoras que visam garantir responsabilização.

Objetivos do relatório:

1. Apresentar a mais ampla documentação existente sobre os crimes de violência sexual ocorridos durante o ataque de 7 de outubro.
2. Organizar essa documentação em uma plataforma probatória estruturada, baseada em critérios de proximidade com os eventos e valor legal das provas.
3. Propor um novo modelo jurídico de responsabilização, mais adequado à realidade da CRSV, que considera o contexto coletivo dos crimes e não depende exclusivamente do testemunho direto das vítimas.

Descobertas principais:

- A violência sexual foi usada como arma de guerra, com motivação ideológica e sistemática.
- Ocorreram múltiplos incidentes de violência sexual em pelo menos seis locais diferentes durante o ataque de 7 de outubro.
- Reféns também relataram episódios de abuso sexual durante o cativeiro.

Implicações jurídicas:

- O relatório propõe a adoção de doutrinas de responsabilidade coletiva, aplicadas quando múltiplos autores participam de um ataque coordenado e ideologicamente motivado.
- O modelo jurídico apresentado preserva os padrões internacionais de responsabilização criminal, mas adapta sua aplicação à dinâmica de crimes cometidos em massa.

Conclusão:

A violência sexual foi parte integrante da estratégia do Hamas e seus aliados. A comunidade internacional deve reconhecer essa realidade, responsabilizar os autores e reformar os modelos legais para que crimes como esses não sejam silenciados nem fiquem impunes.

PARTE 5 — Metodologia e Estrutura Probatória

Para documentar e compreender a violência sexual cometida em 7 de outubro de 2023, o Projeto Dinah criou uma plataforma probatória estruturada com base na proximidade das fontes aos eventos e no valor legal das evidências.

A plataforma está organizada em cinco categorias principais:

1. Relatos de vítimas e sobreviventes

- Inclui o depoimento de uma sobrevivente de uma tentativa de estupro em 7 de outubro.
- Inclui também os testemunhos de 15 reféns libertados que relataram ter vivenciado ou testemunhado atos de violência sexual durante o cativeiro.

2. Testemunhos visuais e auditivos

- Depoimentos de pelo menos 17 testemunhas que viram ou ouviram mais de 15 incidentes distintos de violência sexual.
- Esses relatos descrevem estupros múltiplos, agressões sexuais, mutilações e abusos degradantes.

3. Testemunhos de socorristas

- Depoimentos de 27 socorristas (policiais, soldados e paramédicos) que presenciaram os corpos ou locais dos crimes.
- Descreveram dezenas de corpos com claros sinais de violência sexual, incluindo mutilações genitais e agressões com objetos.

4. Evidências forenses

- Relatórios e descrições fornecidos por médicos legistas e pessoal do necrotério de Shura.
- Incluem documentação fotográfica de feridas, marcas e mutilações que indicam violência sexual.

5. Provas visuais e de áudio

- Fotografias, vídeos e áudios capturados durante os ataques ou posteriormente por forças de segurança.
- Incluem vídeos feitos pelos próprios terroristas, gravações de câmeras de segurança e interceptações de chamadas que demonstram abuso sexual, humilhação e mutilação.

Essas cinco categorias permitem construir uma base legal robusta, mesmo na ausência de testemunhos diretos das vítimas — o que é comum em casos de violência sexual em conflitos.

Elas também possibilitam identificar padrões, modus operandi e estabelecer a intencionalidade e sistematicidade dos crimes.

PARTE 6 — Desafios Legais e Propostas Inovadoras para a Responsabilização

Os crimes de violência sexual cometidos em 7 de outubro representam um enorme desafio jurídico. O paradigma tradicional de responsabilização — que exige provas diretas, testemunhos das vítimas e vínculo individualizado entre o acusado e o ato cometido — é inadequado diante da complexidade dos crimes de massa, especialmente no contexto da violência sexual em conflitos.

1. A dificuldade da responsabilização tradicional

Em crimes sexuais relacionados a conflitos:

- As vítimas frequentemente são mortas, sequestradas ou ficam traumatizadas a ponto de não conseguirem testemunhar.
- Os crimes são cometidos em massa, por múltiplos autores, em circunstâncias caóticas e planejadas para dificultar a identificação individual.

Diante disso, a insistência em provas diretas resulta na impunidade sistemática desses crimes.

2. Proposta de abordagem alternativa

O Projeto Dinah propõe adotar doutrinas jurídicas baseadas em responsabilidade coletiva, amplamente aceitas no direito penal internacional:

- Participação em ataque coordenado: responsabiliza indivíduos que contribuíram para um ataque generalizado ou sistemático, mesmo que não tenham cometido pessoalmente todos os atos.
- Conspiração e incentivo: aplica-se a quem promoveu, instigou ou deu suporte material, ideológico ou estratégico aos crimes.
- Crime de contexto: reconhece que certos crimes fazem parte de uma política organizada ou padrão sistemático, o que dispensa a prova de intenção individual.

3. Aplicação à CRSV em 7 de outubro

O relatório mostra que:

- Os ataques foram planejados e organizados.
- A violência sexual foi sistemática, repetida e deliberada.
- Os agressores agiram com base em doutrinas ideológicas extremistas e desumanizantes.

Assim, as estruturas de responsabilização coletiva são as mais adequadas, pois permitem justiça mesmo sem a atribuição direta de cada ato a cada indivíduo.

PARTE 7 — Recomendações Principais

Com base na análise jurídica, nos dados probatórios e na natureza dos crimes documentados, o Projeto Dinah apresenta as seguintes recomendações fundamentais para garantir justiça às vítimas de violência sexual relacionada a conflitos (CRSV) em 7 de outubro e além:

1. Reconhecimento público e oficial

- O Estado de Israel deve reconhecer oficialmente que os crimes cometidos em 7 de outubro incluíram atos sistemáticos e generalizados de violência sexual como arma de guerra.
- O reconhecimento deve ser integrado em discursos oficiais, currículos educacionais, exposições públicas e memoriais.

2. Ação judicial eficaz

- Promover investigações criminais internas e internacionais com base em modelos jurídicos adequados à CRSV.
- Buscar acusações com base em doutrinas de responsabilidade coletiva, não exigindo testemunhos diretos das vítimas falecidas ou sequestradas.

3. Documentação contínua e independente

- Apoiar instituições independentes e especializadas que continuem a coletar, validar e preservar provas desses crimes.
- Manter essa documentação acessível a mecanismos legais e a futuras gerações.

4. Apoio às vítimas e sobreviventes

- Garantir assistência médica, psicológica, jurídica e social às sobreviventes da violência sexual, reféns libertadas e suas famílias.
- Promover o empoderamento e o testemunho das vítimas em fóruns adequados, caso desejem.

5. Pressão internacional e diplomática

- Mobilizar a comunidade internacional para que reconheça e condene os crimes sexuais cometidos contra israelenses em 7 de outubro.
- Exigir que organizações internacionais de direitos humanos se posicionem com a mesma firmeza demonstrada em outros contextos de violência sexual em conflitos.

6. Reformulação de paradigmas jurídicos

- Trabalhar para que a violência sexual em conflitos seja tratada como crime de guerra e crime contra a humanidade, mesmo sem testemunhos diretos.
- Estabelecer precedentes legais que reconheçam a sistematicidade e intenção desses atos, especialmente quando cometidos por grupos extremistas ideológicos.

Essas recomendações visam restaurar a dignidade das vítimas, garantir responsabilização

efetiva e criar um precedente global para o tratamento da violência sexual como instrumento de guerra.

PARTE 8 — Casos Documentados de Violência Sexual: Kfar Aza

Visão Geral

Kfar Aza foi uma das comunidades mais brutalmente atacadas em 7 de outubro. Terroristas do Hamas invadiram a vila e cometeram assassinatos, sequestros, mutilações e violência sexual.

Diversas fontes confirmam a ocorrência de estupro, abuso sexual e mutilações genitais, principalmente contra mulheres — algumas das quais foram assassinadas após os atos.

Fontes de prova

As evidências reunidas pelo Projeto Dinah incluem:

- Testemunhos de socorristas e soldados que encontraram corpos com sinais claros de violência sexual, como mutilações, roupas rasgadas e marcas de agressão.
- Fotografias forenses dos corpos analisados no centro de identificação de Shura.
- Relatos de sobreviventes que escaparam ou estiveram presentes durante os ataques.
- Imagens captadas por câmeras de segurança e vídeos dos próprios terroristas, mostrando atos de estupro e abusos.

Exemplos documentados

- Um corpo de mulher foi encontrado com as calças abaixadas e as pernas abertas, com marcas de mordidas e lacerações. Testemunhas descreveram ferimentos genitais causados por objetos cortantes.
- Outro caso envolvia uma adolescente de 17 anos, cujo corpo foi encontrado com vestígios de violência sexual e mutilação.
- Soldados relataram ter visto diversos corpos nus ou seminu, alguns com sinais de tortura genital e agressão brutal.

Análise

A recorrência de padrões — como nudismo forçado, mutilação, exposição e posição dos corpos — sugere que a violência sexual foi deliberada, organizada e sistemática, não incidental.

A escolha das vítimas, os métodos utilizados e os contextos (casas, abrigos, espaços públicos) apontam para intenção humilhante, punitiva e de dominação.

PARTE 9 — Casos Documentados de Violência Sexual: Kibutz Be’eri

Visão Geral

O Kibutz Be’eri sofreu um dos ataques mais letais em 7 de outubro, com mais de 130 residentes assassinados. Além dos assassinatos, há forte documentação de crimes de violência sexual, cometidos antes e depois da morte das vítimas.

Fontes de prova

As evidências incluem:

- Testemunhos de socorristas, soldados e paramédicos que relataram ferimentos genitais graves, posições humilhantes e roupas rasgadas.
- Registros fotográficos e médicos forenses do centro de identificação de Shura.
- Câmeras de segurança e vídeos dos terroristas mostrando atos de abuso sexual e mutilação.
- Relatos de sobreviventes que presenciaram ataques ou viram corpos com sinais de abuso.

Casos específicos documentados

- Uma mulher de aproximadamente 20 anos foi encontrada com ferimentos vaginais e anais profundos, sem roupas na parte inferior do corpo, em um abrigo.
- Dois corpos femininos foram descobertos com marcas de estrangulamento e cortes nas genitálias, posicionados lado a lado em uma cama.
- Uma refém libertada relatou ter sido testemunha ocular de estupros cometidos contra outras mulheres antes de sua transferência para Gaza.

Padrões identificados

- As vítimas eram frequentemente despidas parcialmente ou completamente, e seus corpos deixados em posições degradantes.
- Há indícios claros de mutilação pós-morte, como cortes nos seios, genitálias e marcas de queimaduras.
- A escolha das vítimas não foi aleatória: mulheres jovens, adolescentes e até idosas estão entre os alvos.

Conclusão preliminar

Os atos cometidos em Be’eri refletem um padrão idêntico ao de Kfar Aza e reforçam a conclusão de que a violência sexual foi sistemática, deliberada e estratégica, usada como forma de terror, humilhação e destruição da dignidade humana.

PARTE 10 — Casos Documentados de Violência Sexual: Festival Nova (Re'im)

Visão Geral

O ataque ao Festival de Música Nova próximo ao Kibutz Re'im foi uma das cenas mais chocantes do dia 7 de outubro. Centenas de jovens foram assassinados, feridos ou sequestrados. O Projeto Dinah identificou vários casos de violência sexual, cometida publicamente, muitas vezes filmada, com o objetivo de aterrorizar e desumanizar.

Fontes de prova

- Vídeos feitos pelos próprios terroristas, postados em redes sociais, mostrando mulheres sendo despidas, abusadas e exibidas nuas.
- Relatos de sobreviventes que testemunharam cenas de estupro e mutilação.
- Testemunhos de socorristas que recolheram corpos com indícios de violência sexual explícita.
- Análise forense de corpos transferidos para o Instituto Shura.

Casos específicos documentados

- Vídeo amplamente divulgado mostra uma jovem sem calças, ensanguentada na região pélvica, sendo erguida pelos cabelos e exibida para a multidão. Posteriormente, foi confirmado que ela havia sido estuprada e assassinada.
- Outro vídeo mostra terroristas rindo e celebrando enquanto filmam o corpo nu de uma mulher caída ao lado de uma van. Um dos agressores simula sexo com o cadáver enquanto os demais aplaudem.
- Relatos indicam que mulheres foram colocadas em filas, despidas e obrigadas a caminhar nuas em frente aos atacantes antes de serem estupradas.

Padrões identificados

- A violência sexual foi usada como forma de humilhação pública e para disseminar o terror de forma intencional.
- A ampla documentação em vídeo e áudio indica intenção de exibir o abuso como “troféu” de guerra.
- A brutalidade dos atos (estupro, necrofilia, exposição) reforça o elemento de desumanização extrema.

Conclusão preliminar

Os crimes cometidos no Festival Nova constituem um dos exemplos mais visíveis e documentados da utilização da violência sexual como arma de guerra.

O objetivo não era apenas a eliminação física, mas a aniquilação da dignidade e da humanidade das vítimas.

PARTE 11 — Reféns e Abusos durante o Cativoiro

Contexto

Após os ataques de 7 de outubro, mais de 250 civis israelenses foram sequestrados e levados à força para Gaza. Entre eles, estavam mulheres, adolescentes e crianças, muitas das quais foram mantidas em condições desumanas por semanas ou meses.

Vários testemunhos de reféns libertados, incluindo mulheres e adolescentes, apontam para a ocorrência de violência sexual sistemática durante o cativoiro.

Formas de abuso relatadas

- Assédio sexual constante: mulheres relataram ter sido tocadas, observadas despidas, forçadas a ficar nuas ou sem véu diante dos sequestradores.
- Estupro e agressão sexual: embora poucas vítimas tenham relatado diretamente, há relatos de sobreviventes que testemunharam estupros de outras reféns.
- Ameaças e intimidação sexual: meninas e mulheres foram ameaçadas com estupro como forma de controle e tortura psicológica.
- Condições de higiene degradantes, privação de acesso a absorventes, papel higiênico ou espaço privado.

Testemunhos relevantes

- Uma adolescente libertada declarou que foi obrigada a dormir entre homens armados que a observavam constantemente, em silêncio absoluto, sob risco de agressão.
- Uma mulher relatou que ouviu, por várias noites, gemidos e gritos de uma refém sendo estuprada em um cômodo adjacente.
- Outra sobrevivente disse que foi forçada a cuidar de uma mulher que havia sido violentada e sangrava intensamente, sem acesso a qualquer socorro.

Padrões e intencionalidade

- A separação de mulheres dos demais reféns parece ter sido uma estratégia deliberada para facilitar os abusos.
- As práticas recorrentes de humilhação, privação e ameaça sexual indicam uma política sistemática de dominação e terror.

Barreiras ao relato

- Muitas reféns ainda permanecem sob trauma severo e não estão prontas para dar depoimento.
- O estigma social e o medo de retaliação dificultam o relato completo dos abusos sexuais

sofridos.

- O silêncio não significa ausência de crime, mas sim um sintoma típico de violência sexual em conflitos.

PARTE 12 — Análise dos Padrões Sistêmicos e Conclusões Jurídicas

Padrões Sistêmicos Identificados

A análise das centenas de testemunhos, imagens, vídeos e relatórios forenses revela um padrão consistente de violência sexual planejada e sistemática:

- Os crimes ocorreram em múltiplos locais (kibutzim, festival, cativeiro), de forma simultânea.
- Foram cometidos por diversos indivíduos e grupos, com métodos semelhantes: estupros, mutilações, necrofilia, exposição pública.
- As vítimas foram majoritariamente mulheres jovens, adolescentes e meninas, mas também houve casos envolvendo idosas e homens.

Esses padrões indicam uma intencionalidade coletiva e ideológica, e não atos isolados ou espontâneos.

Elementos comuns identificados

- Exibição e filmagem dos abusos como forma de humilhação e propaganda.
- Mutilações genitais e sexuais, especialmente em corpos femininos.
- Estupros em grupo ou sucessivos, documentados por testemunhos e vídeos.
- Postura celebratória dos agressores, que frequentemente riam ou posavam ao lado dos corpos.

Conclusões Jurídicas

Com base na evidência apresentada, o Projeto Dinah conclui que os atos documentados configuram:

- Crimes de guerra, conforme definido nos Estatutos de Roma do Tribunal Penal Internacional.
- Crimes contra a humanidade, pela sua escala, sistematicidade e motivação política.
- Violações do direito humanitário internacional, particularmente das Convenções de Genebra.

Além disso, o uso da violência sexual como instrumento de terror e guerra corresponde ao conceito legal de "violência sexual relacionada a conflito" (CRSV).

Responsabilidade coletiva

Mesmo sem a identificação nominal de cada agressor, o conjunto de evidências permite a responsabilização por:

- Comando e liderança: aqueles que autorizaram, incentivaram ou não impediram os crimes.
- Participação ativa: qualquer pessoa envolvida diretamente nos atos de violência sexual.

- Conivência e incitação: indivíduos ou grupos que celebraram, compartilharam ou promoveram os abusos.

PARTE 13 — Considerações Finais e Caminhos para Justiça

1. A urgência da responsabilização

O sofrimento infligido às vítimas em 7 de outubro não pode ser ignorado ou silenciado. A violência sexual documentada pelo Projeto Dinah exige uma resposta imediata, abrangente e justa, tanto em nível nacional quanto internacional.

A omissão da comunidade internacional, até o momento, apenas agrava o trauma das vítimas e alimenta a impunidade.

2. Rumo à justiça

Justiça para as vítimas de violência sexual em conflitos inclui:

- Reconhecimento público e simbólico dos crimes cometidos.
- Responsabilização penal dos autores diretos, cúmplices, comandantes e ideólogos.
- Criação de precedentes jurídicos para que a violência sexual não seja mais ignorada em contextos de guerra.
- Suporte continuado às sobreviventes, mesmo quando não houver denúncias formais.

3. Papel das instituições

Organizações internacionais, cortes penais, ONGs, governos e a sociedade civil devem:

- Adotar padrões jurídicos sensíveis ao contexto da violência sexual em massa.
- Reconhecer que a ausência de testemunhos diretos não equivale à ausência de crime.
- Garantir que as vítimas sejam protegidas, ouvidas e respeitadas, mesmo quando escolhem o silêncio.

4. Um novo paradigma de justiça

O Projeto Dinah propõe um novo caminho de responsabilização que não dependa exclusivamente de vítimas sobreviventes, mas que leve em conta:

- Provas contextuais, padrões sistemáticos e evidência forense.
- A legitimidade da dor coletiva diante da destruição de corpos, dignidade e memória.

5. Compromisso com a verdade

A verdade não pode ser refém do medo político, da seletividade ideológica ou da pressão internacional.

Reconhecer e denunciar a violência sexual sofrida pelos israelenses é um imperativo ético, legal e humano.

Este relatório é um passo decisivo nesse caminho.

Conclusão e Agradecimentos

Conclusão

O Projeto Dinah foi concebido para restaurar a verdade, amplificar as vozes silenciadas e responsabilizar os autores de crimes de violência sexual cometidos em 7 de outubro. Este relatório documenta, com base em provas robustas e análise jurídica, que esses crimes foram sistemáticos, intencionais e parte de uma estratégia de guerra.

Ele exige uma nova abordagem para lidar com a violência sexual em conflitos armados — uma que não dependa apenas do testemunho direto das vítimas, mas que valorize provas contextuais, forenses e testemunhais.

O silêncio das sobreviventes não deve ser interpretado como ausência de crime, mas como evidência do trauma e do terror infligidos.

Agradecimentos

O Projeto Dinah foi realizado graças à colaboração de dezenas de pessoas comprometidas com a verdade e a justiça, incluindo:

- Sobreviventes e familiares das vítimas, que compartilharam sua dor com coragem e dignidade.
- Socorristas, soldados, médicos legistas e psicólogos, que ofereceram testemunhos e registros cruciais.
- Pesquisadores, advogados e especialistas em direito internacional, que contribuíram com análises técnicas e éticas.
- Organizações de direitos humanos, centros forenses e instituições acadêmicas, que apoiaram a compilação e verificação dos dados.

Nosso compromisso é com a memória das vítimas e com a construção de um caminho jurídico e moral que impeça a repetição de tais atrocidades.